

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium tri-
umphii Ecclesiae... in Christo Jesu.

10. 13. 14.



FERNANDO BENEVENTANO BOSCO

A Historia Verdadeira da Inquisição e o Episcopado portuguez

Não temos por falta d'espaco dado publici-
dade á carta que ha mezes recebemos
do Exc.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Arcebispo de
Mitylene ácerca da *Historia Verdadeira da In-
quisição*, carta para nós tão honrosa, quanto de
gloria para a Igreja e para o auctor da dita pu-
blicação, que vae vendo cair sobre a sua obra
os applausos do venerando Episcopado d'esta
nação. E não lhe podiam faltar as graças do
virtuoso Snr. Arcebispo de Mitylene, que sem-

pre tem pugnado pelo esplendor da Igreja e
sempre tem prestado o seu apoio ás obras ca-
tholicas, como esta de que fallamos.

Publicamos, pois na pagina seguinte a copia
da carta do venerando apostolo, guardando co-
mo preciosidade valiosa o original onde archiva-
mos as cartas de todos os Prelados que em no-
me do Senhor tem abençoado os nossos tra-
balhos, com os quaes respondemos aos escri-
ptores *christãos* que nos julgam mal.

Teixeira de Freitas.

Carta de Sua Exc.^a Rev.^{ma} o Snr. D. João Rebello Cardoso de Menezes, Arcebispo de Mitylene, e Vigario Geral do Patriarchado, ao director do «Progresso Catholico» e do Centro de propaganda catholica em Portugal.

Lisboa,—Paço de S. Vicente—7 de março de 1885.

Meu bom amigo e Snr.

RECEBI pelo correio a sua prezada carta e com ella a sua offerta dos dois volumes da HISTORIA VERDADEIRA DA INQUISIÇÃO, que eu já tinha, e que muito agradeço.

Prestou o meu amigo um bom serviço á causa da verdade, que é a de Deus e da Sua Igreja, publicando a traducção d'esta obra—A HISTORIA VERDADEIRA DA INQUISIÇÃO.

Deus o abençoe e dê forças para continuar na sua tão benefica missão de propular e espalhar bons livros.

✠ *João, Arcebispo de Mitylene.*

SECÇÃO RELIGIOSA

A UNIAO CATHOLICA

[Continuado de paginas 8 d'este vol.]

II

A UNIAO CATHOLICA é necessaria, como acabamos de provar. Mas querendo-se passar da theoria á pratica, surgem-nos de repente duas momentosas difficuldades! Qual será o programma? Qual a direcção?

Querendo ser logicos, veremos que é simplissimo o programma. O programma é a revindicação de todos os direitos da religião, taes como os affirma o seu chefe supremo e infallivel. A Concordata por certo: mas uma Concordata completada pelos ensinios da Igreja, em todos os pontos que até hoje a Concordata não regulou. A concordata é um tractado, tractado concluido pela Igreja em tempos difficéis, e com um homem que tinha menos a peito acatar as leis da justiça do que ser elle mesmo a lei.

A Concordata, estipulando no seu primeiro artigo a liberdade da religião catholica, estipulava implicitamente todas as consequencias d'esse artigo fundamental: a Igreja pertence formular por miudo as liberdades sobre que se ha de firmar a liberdade d'ella, e aos cidadãos cumpre sustentar no estado os direitos da Igreja, que são igualmente os direitos d'elles.

D'ahi deriva o programma da religião catholica: isto é a firme e perseverante revindicação dos direitos da religião, taes como os define a Igreja pelo seu ensino regular, e como opportunamente os determina o chefe supremo da Igreja.

Demais, nada impede que, para designar os pontos em que predomina a tyrannia maçonica e quaes as revindicações mais urgentes, se elabore uma enumeração dos direitos que particularmente importa defender. Basta apenas que as representações dos catholicos sejam propostas como desenvolvimento do programma fundamental e essencial, que é: revindicar todos os direitos da religião, quaes a Igreja define.

«Insigne desproposito!» clamarão esses liberaes que dos negocios publicos hão obtido os brilhantes resultados que todos vemos. «A opinião publica não admittre uma revindicação tão absoluta. Impetrar uma certa dose de justiça, algumas modificações na legislação

que vos opprime e vos mortifica, por exemplo a suppressão de dous ou tres artigos organicos dos que mais nos amarguram, isso é, talvez, realisavel.»

Oh! não! Isso não é realisavel. Não nos lisongeia o pensamento de alcançar de prompto uma justiça completa; mas não cremos que seja digno, nem mesmo como expediente, permanecer sem a reclamar desde já.

E', não se duvide, do direito de Deus que se tracta, e consequentemente, necessariamente, do fim supremo de cada um dos homens, que prepassam como um relampago através das sociedades humanas e caminham a passo largo para a morada da eternidade.

Soffrer injustiças, é mal de todos os dias; mas resignar-se a ellas antecipadamente, mas reconhecer a supremacia do poder terrestre sobre a sociedade sobrenatural directamente fundada pelo Verbo incarnado, e supplicar aos ministerios e parlamentos, saudando-os com servilismo, se dignem dispensar alguma confiança á Igreja e não espreitar tão de perto os seus actos, oh! isso de modo algum!

Obrar d'este modo é louvaminhar a grande heresia dos tempos modernos, a heresia que considera a sociedade politica como a só essencial, á qual todas as demais se devem sujeitar, incluindo a mesma Igreja.

O impulsor da união catholica não é um revoltoso; caber-lhe-ha porém a missão de dizer a todos os governos que não respeitem os direitos da Igreja: «Vós não mereceis as minhas sympathias; faltais ao mais sagrado dos vossos deveres. Irritae a Deus com as vossas insolencias; feris-me no vivo da minha consciencia, negando justiça a minha mãe, a Santa Igreja. Não posso amar o vosso proceder. Poderei, por patriotismo, supportar-vos; mas terme-eis frente a frente em quanto para vós não soar a hora da reparação.

Tal é o meu direito, tal o meu dever. Outros mendiguem mercê e obtenham-nas; quanto a mim, só reclamo justiça, e hei de reclamá-la até ao momento em que me seja feita.»

Eis o programma — programma para todo o catholico, que não seja liberal, nem cobarde, nem inepto. Mas como ha de ser posto em pratica?

Primeiramente notemos que em occorrencias de sobra é elle facilmente realisavel. Temos deante de

nós uma eleição. Um dos candidatos é filho da maçonaria, membro d'uma associação inimiga ligadal do catholicismo, que, em toda a parte que possa, o lesa nos seus mais sagrados direitos. Pois bem: o eleitor catholico recusa o seu voto ao inimigo de Deus, ao inimigo do seu Christo, ao inimigo de sua familia. Combate, com o vigor de que dispõe, esse escravo de Satanaz. E' de esperar lhe digam os liberaes que se não tracta de religião, mas sim de politica. O catholico responderá que o inimigo de Deus não pôde merecer a sua confiança, que um paiz christão ha mister d'um governo christão e d'uma administração christã, e escolher chefes e legisladores impios, quando a honra ordena a defensão da fé não é tolerancia, e desmascarada estulticia.

Propague-se, embora sem organização especial, este theor de proceder, nitidamente christão e e unico realmente rasoavel, e ver-se-ha como, dentro em pouco, a união catholica colherá a palma nas luctas com o maçonismo.

E' certo! Fôra para desejar que um novo S. Bernardo apparecesse em meio de nós, e, dominando as turbas pela supremacia do genio e da sanctidade, as guiasse á cruzada contra a terrivel seita. Outr'ora, um legado do Papa tivera podido postar-se á frente do movimento e congregar as dedicações dispersas. Hoje porém, o soberano Pontifice, em virtude de razões facteis de comprehender, tem que attender ao governo violador dos direitos da Igreja, e os catholicos francezes não podem supplicar-lhe um chefe, que os conduza á batalha no campo da politica, nem os bispos francezes, a exemplo dos da Belgica, se podem reunir para combinarem uma acção commum. O seu grande numero, e a divisão radical dos diversos partidos politicos, no tocante á forma mesmo do governo, lhes impõe, a elles tambem, a usarem de circumspecção.

Força é, pois, que o partido necessario dos direitos da religião, dos direitos todos, sob um governo qual quer, em contraposição ás brutalidades maçonicas da 3.ª republica, mas tambem aos principios falsos do liberalismo da monarchia restaurada, se forme como de per si no seio da nação.

Aqui e além, surgiram já iniciativas esperançosas: taes como a *Alliança Catholica* fundada pelos abbades Lemann, o appello do jornal *La Croix* a seus amigos, e, ha

poucos dias ainda, os artigos da *Declaration*. Todos sentem impetuosamente a urgencia d'uma acção commum, faltando para ella apenas o apparecimento d'um O'Connell. Apresente-se elle, que leaes adeptos encontrará a seguir-mo. No entretanto, talvez podessem congregar-se os promotores d'essas uniões parciaes, não em congresso ruidoso, mas em assembleia fraternal, para formular, e propor aos catholicos francezes, um numero qualquer de artigos, consignativos de seus deveres publicos para com a religião, cujos direitos são o inalienavel patrimonio de todos os catholicos, cada um dos quaes, em seu paiz, tem obrigação de defender.

(Continúa)

Um theologo.

SECÇÃO SCIENTIFICA

Os principios catholicos perante a rasão

(Continuado do n.º antecedente)

Necessitamos de maiores provas para demonstrar as aberrações de tão infame religião?

E não foi esta dogmatica acreditada por aquelles povos que tão bellos monumentos deixaram dos seus adiantamentos nas sciencias, nas artes e na litteratura?

O seu illustrado criterio não se oppoz á creença do mais torpe e grosseiro culto, o qual os Romanos exaggeraram até o raro extremo de reconhecerem trinta mil deuses, em honra dos quaes edificaram o famoso Pantheon.

Qual foi a causa porque estes povos illustrados professaram estas creenças tão absurdas?

A explicação natural d'este mysterio encontra-se no abandono das verdades reveladas: e se os philosophos de Roma e da Grecia chegaram a conhecer a falsidade da sua relaxada theologia, é muito certo que não devemos ao seu genio outro systema que guiasse a razão por caminho mais seguro.

Em confirmação do que vamos expondo, deve-se recordar os Pyrrhonicos com a sua duvida universal, consequencia necessaria da theoria sobre as sensações; os Cynicos depreciando toda a regra de moral

para viverem como os brutos, entregues sem pejo nem vergonha ao que elles chamavam exigencias naturaes; Epicuro ensinando o sensualismo torpe e egoista; Pythagoras com a sua mystica sciencia dos numeros, e peregrino descobrimento da transmigração da alma...

O proprio Socrates foi um sceptico (1); Platão concedeu ao mundo corpo e alma, e Aristoteles limita a moral dentro da perfeição humana sem eleva-la ao Bem absoluto, professando além d'isto doutrinas pouco claras acerca da providencia e da alma racional (2), não obstante ter agitado estas questões resolvidas por Platão com admiravel exactidão.

Indicamos resumidamente as creenças religiosas professadas pelos povos mais cultos da antiguidade, e do exame d'ellas deduz-se com evidencia que a razão, ainda que illustrada pelos maiores adiantamentos do saber humano, e capaz de traduzir obras eminentes nas sciencias e nas artes, se extravia sem embargo nas suas investigações acerca do culto, quando uma luz superior a não dirige.

E tendo-nos occupado d'aquellas sociedades mais adiantadas em cultura, julgamos desnecessario o exame das religiões que os Gallos, os Celtas e os Germanos professaram venerando symbolicas divindades, em honra das quaes derramavam sangue humano com uma prodigalidade horrivel e repugnante.

O feticchismo, culto grosseiro tributado a seres materiaes, só merece que nos compadeçamos do entendimento humano na sua maior degradação.

Nos capitulos seguintes occupar-nos-hemos com frequencia dos juizos tenazmente adherentes á sua lei; e o protestantismo tem de preferencia um logar reservado n'estas paginas: motivo porque devemos omitir toda e qualquer observação acerca d'estes cultos.

Mas a religião do islamismo e os agentes que favoreceram o seu funesto desenvolvimento reclamam o nosso exame.

(1) Cita-se como seu o seguinte conceito verdadeiramente sceptico... *uma só coisa sei, e é que não sei nada.*

(2) No seu *Tratado da alma* assegura, que a serie de pensamentos são os que formam a alma: doutrina que deu lugar ao materialismo de Espinosa.

O antigo povo arabe formava-se de christãos seduzidos pelas heresias, principalmente euty-chianas e monothelitas, de judeus que tinham esquecido a sua observancia, e d'outras nações embrutecidas e ignorantes que professavam certo paganismo, mistura confusa das superstições babilonicas, egypcias e romanas.

D'estas circumstancias favoraveis aproveitou-se destramente Mafooma para dar-se a conhecer como propheta eleito pelo Ser Supremo com o santo fim de ensinar o culto verdadeiro; e amalgamando elementos tão heterogeneos, imaginou crear certo systema religioso fundado na unidade de Deus, para formar uma nação da qual facilmente se constituiu chefe.

Gloriosos resultados coroaram as suas emprezas militares, dando-lhe prestigio sobre aquellas hordas sanguinarias, que recolhiam abundantes despojos dos inimigos vencidos.

O afortunado capitão chegou a ser obedecido cegamente, e acreditava-se no propheta santo e inspirado com o maior fanatismo.

Mafooma impoz a sua doutrina por meio do terror aos povos que lograva subjugar. *Feri de morte os idolatras onde quer que os encontréis* (1), repetiu elle a seus discipulos, nos quaes arraigou a soez doutrina que inventara, afagando as paixões e o objecto sensualismo, com o unico fim do seu engrandecimento pessoal, constituindo-se propheta e chefe d'um grande povo: e a sua politica foi de exito seguro entre aquella ignorante soldadesca, cujo desenfreamento sancionava a moral mais torpe, saciando no mesmo tempo a sua cubicia com o saque de exterminadas povoações.

Permittiu aos crentes gozarem materiaes na vida, offerecendo prolongar-lhes eternamente a sua felicidade com jovens bellissimas, que nos encantados jardins do Eden mais delicioso, são o premio d'uma morte heroica nos campos de batalha, ou d'uma vida passada na observancia da sua lei.

O luxo, a mollicia e impureza foram os meios sagazmente escolhidos para seduzir a phau-

tastica imaginação do povo arabe. Do que deixamos exposto encontram-se repetidos exemplos nas *Azoures do Alcorão* (1).

A sua doutrina, porém, não é tão rígida, pois encontra mysticas razões para quebrantar o juramento, e depois de constituir a felicidade suprema nos gosos do mais refinado sensualismo, destroe completamente a moral, estabelecendo como principio o barbaro sentimento de vingança com esta horrivel maxima, que repete em diferentes occasiões (2): *Não é culpavel aquelle que se vingou depois de recebida uma injuria...*

Semelhantes maximas escusam o trabalho de refutar doutrina tão absurda, pois ellas de per si só demonstram a sua torpe falsidade.

Mafoma dispensou grandes elogios ao nosso Redemptor, e reconhecendo a sua extraordinaria santidade (3), e louvando os evangelistas (4), presta homenagem á perfeição da prodigiosa vida d'elles.

Aquelle falso Propheta dos arabes formara um conceito tão sublime de Jesus, que julgou necessario, para se auctorisar, por as seguintes palavras na bocca do Messias: *Annuncio-vos um mensageiro que virá depois de mim, cujo nome é Mafoma* (5).

Confessa os milagres que fez o nosso Redemptor, recordando a cura instantanea do cego e do leproso, e a resurreição de varios mortos (6); mas confissões tão explicitas não impediram o fundador do islamismo de contradizer a santa moral do Evangelho, ensinando principios totalmente diversos, e levou a sua ousadia até o extremo de converter a Deus em protector das suas torpezas (7).

Abandonado á mais extraordinaria incontinencia vivia com quinze mulheres legitimas e onze concubinas, assumiu a auctoridade de tomar mulher casada, e entre os seus escandalos domesticos não figura só o adulterio em que o surpreendeu a sua esposa falsa.

Mas o sagaz Propheta lograva persuadir o povo das frequentes revelações que Deus lhe dispensava, e encobria com ellas os seus immundos vicios.

Mafoma prohibiu aos crentes o exame razoado da sua religião, cujas maximas não permite discutir, e este preceito fielmente observado é o grande obstaculo que impede a sua conversão ao christianismo. Aferrados tenazmente a uma dogmatica cuja moral auctorisa os excessos da mais torpe incontinencia, negam-se a trocal-a por outra mais severa, e rejeitam toda a controversia religiosa de que não se saíriam bem.

E é este o motivo porque a civilização avança lentamente nos povos submettidos a uma politica arbitraria, que, pelo interesse de conservar o seu despótico dominio, protege tão grande fanatismo.

Comquanto tenhamos sido breve no exame dos cultos falsos, a exposição d'essas crenças apresentada ao juizo critico dos que imparcialmente lerem este escripto, provará com toda a clareza quão falsa e absurda é a theoria do racionalismo.

Se a razão humana de per si só alcançasse descobrir todas as verdades, não teriam os hommens caído em tantas contradicções sobre o assumpto mais importante para elles; e inventaram religiões tão absurdas, repugnantes e ferozes, quando abandonaram os santos principios revelados por Deus ao primeiro homem.

No capitulo seguinte provaremos que só n'estes dogmas puros e simples se encontra a verdade.

Dom Francisco Xavier Garcia Rodrigo.

(Continua.)

SECÇÃO HISTORICA

Geraes da Companhia de Jesus

III

DEIXAMOS dito no artigo antecedente que Lourenço Ricci, 18.º geral da Companhia de Jesus, morrera no castello de Sant'Angelo, em 24 de novembro de 1775, protestando pela innocencia da sua Ordem.

Pio VI, que no mesmo anno foi elevado á cadeira de S. Pedro, amava a

Companhia de Jesus e tinha especial affeição ao jesuitas que haviam sido os seus primeiros mestres. Projectava livrar do carcere Ricci e seus illustres discipulos e companheiros: e, enquanto não deu este passo a que obstaram as manobras do gabinete hespanhol, o Santo Padre favoreceu quanto pôde os prisioneiros de Sant'Angelo.

Mas em fim a morte do geral, que em breve se seguiu, não permittiu que o Pontifice realisasse o seu intento.

Lourenço Ricci, no acto de receber o Sagrado Viatico, fez a seguinte declaração publica:

«Primeiramente: Eu declaro e protesto que a Companhia de Jesus, extinta, não deu causa alguma á sua supressão. Faço esta declaração e protesto com aquella certeza que pôde ter moralmente um superior bem informado do que se passa na sua ordem.»

«Em segundo lugar: Eu declaro e protesto que não dei nem o mais leve motivo á minha prisão. Faço esta declaração e protesto com aquella soberana certeza e evidencia que cada um tem das suas proprias acções. E só protesto isto porque é necessario á reputação da Companhia de Jesus, extinta, da qual tinha sido superior geral.»

O veneravel religioso terminou a sua declaração por se abster de julgar culpaveis deante de Deus todos os que attentaram contra a Companhia de Jesus ou contra elle mesmo, aos quaes sinceramente perdoava todo o mal.

Foi este o testamento de dôr, de innocencia e de caridade que cinco dias antes do seu fallecimento fez o P. Lourenço Ricci.

Está hoje provado manifestamente que a Ordem de Santo Ignacio foi extinta sem culpa alguma formada.

Diremos mais: na occasião da sua extincção, no generalato do P. Ricci, não havia abusos communs no seio da congregação. Pelo contrario, havia muita regularidade, muita piedade, muito zelo, e, especialmente, muita união e caridade.

E, o que é singular, durante quinze annos de tribulações extremas, não houve nem desordem, nem tumulto interior, estando todos os membros extremamente unidos á sua ordem, ainda que com excessos perseguida.

Um anno antes da morte de Ricci lhe foi dito: *Sabei que nao estaes prisioneiro por algum crime.*

Como já dissemos, o Papa Pio VI, successor de Clemente XIV, meditava o livramento dos prisioneiros de Sant'Angelo: o que não pôde levar a effeito, em consequencia da morte proxima do geral Lourenço Ricci.

Continuemos agora a serie dos geraes que se seguiram ao P. Ricci.

XIX. — THADDEU BRIZOWSKI, polaco, eleito em 2 de setembro de 1805,

(1) Capítulos.

(2) Azou. 2, 31, 86 e 88.

(3) Id. 4, 11 e 29.

(4) Id. 5 e 71.

(5) Azou. 36.

(6) Id. 13.

(7) Id. 2.

e fallecido em 5 de fevereiro de 1820.

Depois d'uma interrupção de trinta annos, é restabelecida a Companhia de Jesus, primeiramente na Russia, e depois em todo o mundo, por Bulla de Pio VII, de 7 de agosto de 1814.

Um velho jesuita preside a esta famosa congregação: é o P. Thaddeu, digno successor dos Aquavivas, dos Vitelleschis e dos Tamburinis. Humildade, sciencia, todas as virtudes proprias d'um religioso, são as qualidades que distinguem Brzozowski.

Advertiremos que a Companhia de Jesus sempre se conservou na Russia, com permissão do mesmo Clemente XIV que a tinha abolido por um Breve em 1773.

Tinha sido eleito superior geral dos jesuitas n'aquelle imperio o P. Gabriel Gruber, varão doutissimo e de notorias virtudes, muito estimado de Paulo I, imperador da Russia, que professava egual estima por toda a Ordem de Santo Ignacio, protegendo-a sempre nos seus Estados.

Este religioso governou a sociedade até á sua morte que se realisou em 26 de março de 1805. Mas commummente não é contado como proposito geral da Companhia de Jesus, visto que só foi eleito para a Russia.

XX. — LUÍZ FORTIS, natural de Verona. Foi eleito em 18 d'outubro de 1820, e falleceu em 27 de janeiro de 1829.

Era um jesuita velho tinha 72 annos, encanecido nas sciencias e na pratica de todas as virtudes.

As suas lições de rhetorica e philosophia em Ferrara e no lyceu de Verona lhe alcançaram grande reputação entre os sabios, tornando-se tambem recommendavel pelas suas poesias italianas, gregas e latinas.

Pio VII, conhecendo o merecimento do P. Luiz Fortis, nomeou o examinador dos Bispos em Roma, e, quando assumiu o generalato da Companhia, era vigario do geral Thaddeu na Italia.

Já se vê por isto qual era o P. Fortis, geral da Companhia de Jesus: era um varão virtuoso e sabio. Morreu na idade de 80 annos.

XXI. — JOÃO ROOTHAN, nascido em Amsterdam (Hollanda), em 23 de novembro de 1785. Foi eleito geral da Companhia de Jesus em 9 de julho de 1829.

Que grande homem este jesuita! Entrou na Ordem de Santo Ignacio, na Russia, antes do restabelecimento da Companhia por Pio VII. Era um homem de estudo e de oração, de ensina e de apastorado, zeloso, prudente, moderado.

No governo da Companhia nunca se desviou das leis da justiça. Fallou em 8 de maio de 1853, deixando algumas

obras asceticas que mostram o seu espirito.

XXII. PEDRO BECKX, nascido na Belgica, em 8 de fevereiro de 1795, e eleito em 2 de julho de 1853. E' o actual proposito geral da Companhia de Jesus: governa santamente a ordem ha trinta e dous annos.

Este religioso foi provincial na Austria, e cooperou para a concordata que o imperador Francisco José celebrou com a Santa Sé. E' distincto tanto por suas luzes como por suas admiraveis virtudes. O povo romano denomina-o Santo, e tambem Sua Santidade Leão XIII lhe deu este nome.

Religioso perfeito, o reverendo Padre Pedro Beckx é um modelo de abnegação e caridade christã.

Sirva de prova o facto seguinte:

No estio de 1836 recejava-se que o cholera penetrasse nos Estados de Este, e por isso se fez um cordão sanitario nos confins com Parma. O P. Beckx foi obrigado a fazer quarentena, em um lazareto, onde tambem estava um joven de Parma, que, desejando voltar ao seio de sua familia, tentou romper a linha.

A sentinella declarou-lhe que, se a tanto se arrojasse, faria immediatamente fogo, segundo as ordens que tinha. O joven impaciente quiz com effeito passar por forza a linha, e o soldado fazendo pontaria com a espingarda, o lança por terra, mortalmente ferido.

Então o jesuita, transportado de verdadeiro espirito de caridade, disse á sentinella que ia ministrar áquelle infeliz os socorros espirituaes. A sentinella respondeu que não ousasse tanto, aliás faria tambem fogo sobre elle, como era do seu dever. O P. Beckx, sem hesitar respondeu: «Pois faço o teu dever, que eu faço o meu» — e immediatamente correu ao moribundo a quem pôde ainda absolver.

A sentinella, com effeito, fez a pontaria sobre o Padre, mas não chegou a disparar, porque lhe foi estorvado pelos seus camaradas.

Este rasgo d'heroismo christão deixou confundidos os soldados.

E, pois, o P. Beckx um religioso dignissimo.

Mais de tres seculos de existencia tem a Companhia de Jesus: porem ainda hoje se conserva com o mesmo espirito que lhe imprimiu o seu santo fundador. Talvez se não possa dizer isto d'outra qualquer corporação religiosa.

A frente d'ella tem estado sempre homens de sciencia e virtude: é outra singularidade notavel.

O geral da Companhia é um jesuita humilde, egual aos outros: tem o poder, mas manda com doçura, segundo as leis do instituto, e todos obedecem com alegria, com prazer, com coragem.

A Companhia de Jesus e e tem si-

do a Congregação mais bem dirigida de quantas existem no mundo.

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

SECÇÃO CRITICA

O Diccionario de Educação, os assignantes do Progresso Catholico e nós

QUANDO o editor Chardron nos enviou, como a todas as redacções dos jornaes, o annuncio do *Diccionario de Educação e ensino*, pedindo-nos para o publicarmos, não o fizemos, nem em tal Diccionario quize-mos fallar; isto mesmo antes da imprensa catholica se pronunciar contra elle. E ás instancias do mesmo snr. Chardron só respondemos, publicando o annuncio, quando vimos publicada em varios jornaes catholicos a declaração de que o snr. padre Arthur Brandão, redactor da *Voz do Christão*, estava encarregado de rever, e expurgar o *Diccionario* dos erros que se haviam notado na primeira edição.

Não conhecemos o snr. padre Brandão e por isso dissemos ao publicar o annuncio, que não conheceriamos da competencia do snr. padre Brandão para tal trabalho, e que aguardavamos as primeiras cadernetas e a opinião dos nossos collegas na imprensa para avisar os leitores da má ou boa revisão da obra. Daqui, deveriam depreender todos os nossos leitores, de que nada valia o annuncio do snr. Chardron o annuncio é d'elle, e não nosso) que ninguem poderia assignar o *Diccionario de Educação* enquanto nós não dessemos a nossa opinião acerca d'elle. E nunca publicaríamos o annuncio se não fosse o apparecer um padre catholico a servir-lhe de egida.

Nossa intenção era retirar o annuncio logo que conhecemos que a palavra do snr. Chardron, autorizada com o não protesto do snr. padre Brandão, não fora cumprida. Um descuido, porém, que em nada fez periguar as nossas crencas, nem o conceito que tem merecido o *Progresso Catholico* até hoje porque nossos leitores estavam prevenidos, fez que o nosso primeiro reparo se publicasse na *Secção bibliographica* sem que a notada, que o snr. Chardron, esculpido pelo snr. padre Brandão, lançará ás paredes da nossa Revista fosse lavada, com a não publicação do annuncio.

Felizmente, como soe acontecer sempre quando ha boas intenções, o nosso descuido foi providencial, porque, com elle, nos mostrou Deus nosso Senhor, mais uma vez, o espirito altamente religioso dos leitores do *Progresso Catholico*.

E se ficáramos assás contrariados quando demos pela falta commettida, essa contrariedade transformou se em uma alegria extraordinaria quando recebemos a primeira manifestação de desagrado, enviada por uma senhora, de Guimarães assignante do *Progresso Catholico*. E mais augmentou essa alegria, á maneira que iammos recebendo provas de estima pela nossa Revista, e protestos contra a publicação do Dictionario: pois que com isso nos mostrava Deus a fê, a crença em todos os ensinamentos da Egreja, a intransigencia com o mal, dos assignantes do *Progresso Catholico*.

Louvemos ao Senhor Deus, que de pequenas faz grandes cousas: se não fora o nosso descuido, nós não teriamos occasião de presenciar a manifestação mais franca, mais enérgica, mais verdadeiramente catholica contra a publicação do *Dictionario de Educacão*, a obra mais infamemente hostil á Egreja, e contra a qual nos conspiramos logo que se fallou d'ella, nos conspiramos agora de novo, e nos conspiramos sempre, por que o nosso posto de honra é ao lado do Papa e dos Bispos, a bandeira que hasteamos é a cruz, e a religião que professamos, que proclamamos, e pela qual combatemos, é a Catholica, Apostolica Romana.

E que d'isto estão certos os assignantes do *Progresso Catholico* nolo mostraram n'esta occasiões, pelo que lhe enviamos os nossos agradecimentos, dando a Deus nosso Senhor, muitas graças.

A Relacção.

Coisas! Coisas!

MORREU Victor Hugo, o poeta francez, o alheu que, na phrase do Padre Senna Freitas, lapidou a Egreja enquanto vivo ás pedradas de phrase [1], e que na hora da morte conservou o rancor, o brutissimo

Candido, diz um correspondente da capital, n'um eloquente improriso, exaltou os talentos e as nobres prendas de coração do grande homem. Que padre, este padre Candido! Não saiba isto a *Voz do Christão*, que se o sabe, vae logo dizer que nós apedrejamos os padres dignos etc. etc.] E depois de muito palavriado o sr. padre Candido mandou para a mesa a seguinte proposta.

«A camara resolve lançar na acta um voto de sentimento pela morte de Victor Hugo, e passa á ordem do dia.»

Muito obrigado, sr. p.º Antonio Candido. E prepare-se que na chafarrica já se lhe tallia uma *mitre*.

Quer saber o sr. padre Antonio Candido quem era o homem que tinha tão nobres prendas de coração? Leia a seguinte correspondencia trocada entre o grande Arcebispo de Paris e a filha de Victor Hugo:

«Arcebispo de Paris.

Paris, 21 de maio.

Minha Senhora.—Tomo a mais viva parte nos soffrimentos do sr. Victor Hugo e nos sobresaltos da sua familia. Orei bastante no santo sacrificio da

missa pelo illustre doente. Se elle tivesse desejo de ver um ministro da nossa santa religião, apesar de eu estar tambem muito fraco, e convalescente de uma doença que muito se assimilha á d'elle, seria para mim um dever bem grato ir levar-lhe os socorros e as consolações de que tanto se necessita n'esses transees crueis.

Queira acceptar, minha senhora, a



CALIX OFFERECIDO A PIO IX

rancor que as almas tacanhas mostram para com as cousas grandes.

Na camara dos deputados, d'esta nação catholica foi muito lamentada a morte do homem que não quiz nada com a Egreja, e um dos que mais chorou foi o sr. Antonio Candido, que, apesar dos jornaes o não dizerem, sabemos que é padre e doutor pela Universidade de Coimbra. O sr. padre Antonio

homenagem dos meus sentimentos, os mais respeitosos e os mais dedicados.

† J. Hipp,

cardeal Guibert,
Arcebispo de Paris.

Respondeu-lhe mr. Lockroy.

Sr. arcebispo de Paris.—A sr.ª Lockroy, que não pôde abandonar a cabeceira do doente, pede-me para lhe agradecer os sentimentos que se dignou exprimir de um modo tão eloquente e tão benevolo, ao mesmo tempo.

Quanto ao sr. Victor Hugo, elle declarou ainda n'estes ultimos dias que não queria ser assistido, durante a sua doença, por nenhum padre de qualquer religião que fosse. Faltaríamos a todos os nossos deveres se não respeitássemos a sua vontade.

Rogo-lhe que se digne acceitar, sr. arcebispo de Paris, a expressão dos meus sentimentos, os mais respeitosos.

Eduardo Lockroy.

Deputado de Paris.

Não sabia d'isto? Nem admira. Um padre *ilustrado e liberal* não deve olhar para cousas tão pequenas; é bastante saber que Victor Hugo escreveu os *Miseráveis* e outros livros do estofo d'este.

Tem as obras do grande homem? E *Os Episodios Miraculosos de Nossa Senhora de Lourdes*, tambem os possui, ou pelo menos, já os leu?

Melhor que o sr. padre Antonio Candido conhecia Victor Hugo um homem que em Pariz, perto d'uma estação da linha ferrea, provava a outros que o poeta devera ser enterrado como um cão, phrase que levantou grande bulha, sendo necessario a intervenção da policia.

Porque se insurgiram contra a opinião do homem hostil a Victor Hugo? Despido o enterramento de todo o ceremonial catholico, afastado o padre de junto de feretro, que mais é ou pôde ser um enterro civil, que o enterro de um cão? Se Victor Hugo declarou que não queria as consolações da Igreja na ultima hora, embora morresse rodeado dos seus; se elle não cria em Deus, na vida eterna, nos castigos ou recompensas da outra vida, que differença ha entre o poeta ou um formoso cão de raça, que o dono e toda a sua familia prantea quando morre?

Rasão tinha o bom homem parisiense, que não era padre politico nem dr. mas que era catholico. Ha ainda muitos d'estes homens, que não querem nem podem contemporisar com os filhos da Revolução. Nós tambem somos assim, e nem por isso nos julgamos fóra das graças do Chefe da Igreja, do nosso

Santissimo Padre Leão XIII, e da dos Bispos catholicos de quem o Progresso Catholico tem recebido quefartes provas de estima.

Não temos conhecimento do *Clero Portuguez*, publicação semanal, dirigida pelo *ilustrado ecclesiastico sr. Manoel Damaso Antunes*, segundo a *Voz do Christão*, e muito desejavamos conhecê-lo para, como a *Voz do Christão*, o saudarmos, como ella, *com todo fervor da nossa alma*. Queremos conhecê-lo e estranhamos que nos não visitasse uma publicação que tanto entusiasmou o nosso collega portuense, o qual nos pôde ao menos satisfazer uma pequena curiosidade, se é que com este pedido o não offendemos, que tal cousa não temos em vista, nem jámais tivemos.

Ora diga-nos, collega: o rev.º sr. padre Manoel Damaso Antunes, redactor do semanario que vem combater pela causa que a *Voz* defende, não será o mesmo ecclesiastico, que, de parceria com o actual ministro da marinha sr. Pinheiro Chagas, e com outros politicos da mesma laia, redigia o *Diario da Manhã*, folha lisbonense, que era, se nos não enganamos orgão do partido constituinte? (Retiramos de nós a responsabilidade do nome do partido, porque não sabemos bem de partidos.) Será o mesmo ecclesiastico o redactor ou director do *Diario da Manhã*, que tinha tanto de bom catholico, como nós temos de protestantes, e o redactor do *Clero Portuguez*, a quem o collega saudava com todo o fervor de sua alma? Tire-nos de duvidas, collega, e depois, se houver tempo, e vontade, fallaremos, que nós, ainda que não escrevamos sempre, não abandonamos o posto, fique d'isso certo.

Mas, por caridade, tire-nos de duvidas, sim?

Um leitor de Gazetas.

SECÇÃO LITTERARIA

A madrugada no campo

A aurora sem nuvens lá surge radiante!
Já brilham as cores de um lindo arrebol,
ameno prenuncio de um dia brilhante,
que em breve nos trazem os raios do sol!

Dissipam-se as trevas! Renasce a alegria!
A luz se reflecte nas aguas do mar,
no rio e nas fontes! Suave poesia
os campos e os homens parece animar!

As aves começam soltando gorgeios;
o vate as secunda na sua canção!
Agitam-se as aves em seus devaneios;
a Deus, puro crente dirige a oração!

O rio parece, que em luz se desata!
Alegram-se os prados, a flor do jardim!
As fontes reluzem, quaes fios de prata!
Perfumes se espalham da rosa e jasmim!

As mansas ovelhas, à verde pastagem,
conduz a innocente, gentil aldeã;
no rio e nas fontes vai ver sua imagem,
colhendo florinhas, sorrindo à manhã.

O sino da aldeia tem doce poesia,
tocando a «Trindades», do sol ao nascer.
—A mente parece, que então se extasia:
noss'alma parece mais firme no crêr!—

O sol tu me lembras a face divina,
brilhando formosa na etherea mansão!
De Deus a existencia tou disco me ensina!
A fé recrudescce, de ti ao clarão!

Do rico alegria, do pobre és o manto!
O velho remossa, de ti ao calor!
Inspiras o vate no mais doce canto
e os cantos inspiras do rude pastor!

E's tu que avientas, ó astro formoso,
do valle e do monte gentil producção!
—Comtigo os pastores surriem de gozo,
com pura innocencia de um bom coração!

Eu amo do dia primeiros fulgores,
e as preces ao Eterno que a lyra nos traz:
murmúrios das fontes, perfumes das flores,
que inspiram cantigas de amor e de paz!

Aquelles, que nutrem nos peitos a creença,
agora que rompe do dia o fulgor,
ellevam seus cantos, com voz mais intensa,
nas harpas das brizas, louvando o Senhor!

Quem mais, que a cidade, não ama a beleza
do campo a sorrir-se co'a luz da manhã?
—Aqui vê-se a pura louçã natureza
e a pura innocencia da gente aldeã!—

O vate aqui pôde, tangendo na lyra,
aos cantos das aves seu canto juntar;
e, em quanto os suaves perfumes aspira,
ao som dos regatos, a sós, meditar!!

Rungel de Quadros..

GRACIA

ou

A CHRISTÃ DO JAPÃO

CAPITULO X

A peixeira

(Continuado do n.º anterior)

Antes d'isto havia explicado a Mirka como se devia comportar n'um templo christão para não dar no ôlho, o silencio e recolhimento que devia guardar, as genuflexões que

devia fazer e o modo como devia tomar a agua benta.

Entrou primeiro a peixeira, e Mirka fez o que lhe viu fazer, só com a differença de que em lugar de fazer o signal da cruz metteu a mão na pia e tirando a cheia d'agua rociou com ella a fronte e a cabeça. Sem saber porque, sentiu um estremecimento em todo seu corpo que não era causado pelo frio liquido que sobre ella havia espargido, e depois uma especie de alegria e contentamento muito maior, que aquelle que ao chegar experimentára.

Olhou então de frente e viu-se no meio de uma grande multidão de gente, ajoelhada ante uma especie de estrado que allumiavam seis velas e sobre o qual estava a imagem de uma Mulher com um Menino nos braços.

Fitou Mirka seus olhos na Mãe, mas baixou-os logo como envergonhada; tornou a fitar a a pouco e pouco, e então notou no olhar da imagem uma expressão tão dóce, tão attractiva e tão carinhosa, que sentiu-se como arrebatada e por longo espaço não pôde apartar d'Elle os olhos.

Quando pôde fitou-os então no Menino, que Ella tinha em seus braços, e ao fitar-o, cousa maravilhosa! pareceu-lhe que o Menino lhe sorria e lhe estendia os bracinhos para ngarral-a.

N'esta occasião sentiu Mirka que seu coração batia com violencia, como se quizesse o forcejasse escapar-se-lhe do peito e sem saber o que fazia estendeu seus braços, para o Menino e lhe enviou n'um olhar ardente a expressão do gozo, que n'aquelle momento inundava sua alma.

Qualquer que n'aquelle instante reparasse na donzella japoneza, telahia tomado por uma religiosa extatica ante seu Deus; pois de tal modo se reflectia em seu semblante o amor a Jesus, que parecia que já desde largos annos O adorava.

Todavia era a primeira vez que Mirka fitava a imagem do Menino Deus, mas aquelle olhar havia-lhe bastado para rasgar ante seus olhos immensos e vastissimos horisontes.

Sentiu-se como transformada e renovada interiormente, e notou em sua alma um anhele tão forte e um desejo tão vehemente de amar a divindade, que aquella imagem representava que não podia já apartar d'Elle os olhos.

Tal e tão rapido foi o golpe da graça, que a caritativa menina recebeu em seu coração, que nem por um instante curou de resistir-lhe.

Achou tão bellos seus novos sentimentos, inundou-se de um prazer tão suave todo seu ser, que total-

mente se esqueceu do principal fim, que a havia levado á igreja christã.

Nem viu nem ouviu mais do que deixamos dito.

Passados sómente alguns instantes do contemplação sentiu a necessidade de dizer alguma cousa áquellas imagens, que de tal modo a commoviam, e então ouviu, que as pessoas que a rodeavam diziam:

«Santa Maria, Mãe de Deus, roga por nós peccadores..»

Isto foi de sobejo para que ella comprehendesse que aquella Mãe se chamava Maria e que aquelle Menino era Deus.

Mirka sem mais detença começou tambem a repetir as palavras que ouviu aos outros circumstantes.

De certo já terão advinhado nossos leitores, que, quando Mirka e a peixeira entraram na igreja, os christãos japonezes estavam rezando o Rosario.

Era costume, que os piedosos missionarios haviam introduzido, reunir ás tardes os fieis para cantar os louvores de Maria Santissima, dar-lhe graças pelos beneficios que durante o dia haviam recebido e pedir-lhe protecção para os trabalhos do seguinte.

Depois de concluido o Rosario, ora o Padre Cespedes que era a quem n'aquelle occasião estava confiada a Communidade de Osaka, fazia uma pequena pratica, ora o Irmão Vicente ensinava ás creanças e catechumenos a doutrina christã. Tanto um como outro faziam-n'o com tanto fervor, com tão grande unção e com tanta vontade, que o fructo que tiravam era copiosissimo; só com a differença que como o Irmão Vicente era japonez, se avantajava ao Padre Cespedes em manejar melhor a lingua.

Tinha além d'isso uma queda e dom especial, dom de Deus, para mover os corações, de maneira que sempre a elle lhe encarregavam o officio do catechista, e pelo seu bom desempenho lhe chamavam o Apostolo.

A noite, em que Mirka lá foi era a primeira do mez de Maio, e o Irmão Vicente ao terminar o Rosario fallou a seus catechumenos das excellencias da SS. Virgem a quem deviam invocar com grande fervor para obterem novas graças e o augmento das conversões em Osaka.

E de tal modo o fez, e com tanto affecto ponderou o poder immenso de Maria para mover os corações dos infieis, que muitos dos que o escutavam choraram de alegria.

Mirka não perdia uma unica syllaba; porque cada palavra inundava sua alma de novos raios de luz, ex-

plicando-lhe o que ao entrar havia sentido.

A Mãe de Deus havia-a tocado, a Santa Virgem a havia logo levado a seu Filho, e Este com immenso e entranhado amor lhe havia estendido os bracinhos para attrahil-a a Si e renovar-a com Sua santificadora presença.

Mirka comprehendeu, á proporção que Vicente ia fallando, que Maria a amava, que Maria a levava a seu Filho e que Jesus a queria para Si, como quer todas as almas.

Por ultimo fallou Vicente da fidelidade com que os christãos deviam corresponder ao amor que a Mãe de Deus lhes professava, e suas palavras acabaram e completaram a obra que só a imagem de Maria havia principiado em Mirka, que sem poder contar-se exclamou:

«Quero ser christã!»

Este grito despertou a attenção de todos os que a rodeavam e com especialidade a da peixeira, que até então havia permanecido toda entre-gue á oração.

— Sim, sel o-has, formosa menina, disse em voz baixa ao ouvil-a, e então no seu rosto resplandecia e se manifestava a mais completa e extraordinaria alegria.

Depois que se concluiu a pratica e começou a sahir o povo, a pobre mulher agarrando a mão de Mirka a lovou á presença do Irmão Vicente, dizendo-lhe unicamente ao apresental-a:

«Eis aqui a nova christã.»

Pouco tempo depois as duas sahiram da igreja, e ainda mesmo que alguém as tivesse visto, difficilimo lhe seria significar e distinguir qual das duas ia mais contente, tanta era a alegria que una e outra demonstravam.

Ao chegar defronte da casa de Jecundono as duas piraram um pouco olhando-se em mutua contemplação, como se não atinasseem nem soubessem despedir-se, até que Mirka abraçando com affectuosa intimidade sua companheira lhe disse:

— Deus te pague o favor que me fizeste!

— Elle te abençoou, respondeu a peixeira, e em seguida acrescentou: até amanhã!

— Até amanhã, disse Mirka, e retomando o aspecto que seu disfarce exigia, entrou, sem que ninguem o percebesse, em casa de Jecundono.

(Continua).

Versão do P.^o Lima.

SECÇÃO ILLUSTRADA

I

Fernando Beneventano Bosco

QUANDO os jornaes da geringonça se esfalfam incensando Victor Hugo, era de esperar (por parte dos dos pontos), que o retrato do grande figurão occupasse lugar de honra nas paginas do «Progresso Catholico».

Nós, porém, que não andamos á mercê dos ventos revolucionarios, oppomos ás ovações feitas ao coriphheu da demagogia, a homenagem sincera prestada ao typo da honradez, da probidade, e da lealdade.

De proposito escolhemos o retrato do general Bosco para contrapor ao retrato de Victor Hugo; por que o general Bosco foi soldado de Francisco II de Napoles, era um catholico de puras crenças e provou em cem combates o seu amor á Religião de Jesus Christo e a sua lealdade ao Rei legitimo das Duas Cecilias. Inimigo de Victor Hugo, porque inimigo da Revolução, combateu sempre pela patria e pela Egreja, e é por isso que o podemos oppôr ao poeta incendiario.

Victor Hugo foi amigo e confrade de Garibaldi, e o general Bosco combatendo em Milazzo pelo Rei e pela Egreja, fez cur ferido, aos golpes de sua valente espada o caudilho do socialismo, obrigando suas hostes a debandar.

Outro motivo para n'esta occasião honrarmos as paginas do nosso quinzenario com o retrato do bravo militar, que foi tambem o defensor de Gaeta em 1861.

Fernando Beneventano Bosco nasceu em Palermo a 3 de março de 1813, servindo-lhe de padrinho Fernando IV de Napoles.

Erolada nobremente a bandeira da sua patria, acompanhou o seu Rei ao desterro, principian-do depois uma vida de privação, mas honrosa, porque desprezou sempre as seducções e o ouro dos inimigos do seu Deus e do seu Rei.

Morreu a 9 de janeiro de 1881, como morrem os heroes, sendo chorado por todos os napolitanos.

Morreu pobre, e Victor Hu-

go, que se dizia amigo da humanidade, morreu rico, deixou milhões.

Mais um motivo de oppormos o nosso heroe ao heroe da Revolução e da demagogia.

Ahi fica o retrato do heroe do bem, do soldado valente, do amigo leal, do catholico puro, opposto ao retrato do demagogo, do heroe desleal, do inimigo declarado da Religião santissima de Jesus.

II

Calix offerecido a Pio IX

Agora que se trata da exposição que no Vaticano deve haver por occasião do Jubileu sacerdotal de S. S. o Papa Leão XIII, vamos recordar a offerta que os catholicos de Barcelona fizeram ao Pontifice da Immaculada, no seu quinquagesimo anniversario episcopal.

É um formoso calix de prata e ouro, semeado de diamantes, esmeraldas, rubis e perolas, no puro estylo bizantino.

No pé lê-se a seguinte dedicatória:

✠ *Pio PP. IX, Catholici Barcin. In I. Ejusdem Episcopatus Anniversario.*

Em volla da base ha quatro medalhões esmaltados em fundo azul com as imagens dos Evangelistas, e entre estes outros quatro medalhões com os emblemas da Sagrada Eucharistia.

Perto do montante vem-se os quatro escudos, religiosos e civis de Barcelona e da Catalunha, artisticamente lavrados e ornados com pedras preciosas, e no centro do mesmo e na parte superior ostentam-se bellissimos debuxos allegoricos, e os escudos de S. Jorge e Santa Eulalia, patronos de Barcelona.

São admiraveis os medalhões de copa allegoricos aos principaes factos do Pontificado do Santo Pontifice, tues como a proclamação do dogma da Immaculada Conceição, da Infallibilidade pontificia e da consagração do Universo ao Sagrado Coração de Jesus.

Esta obra preciosissima, que a nossa gravura representa, esta archivada na capella Sixtina, onde se guardam as joias artisticas dos Papas.

SECÇÃO NECROLOGICA

†

PRINCIPIAMOS hoje o doloroso dever que nos impozemos, associando nos á caridosa ideia do nosso bondoso assignante e amigo, desfolhando saudades, orvalhadas com lagrimas, nas duas campas cerrados pouco ha, sobre os cadaveres de duas senhoras, leitoras do *Progresso Catholico*, e pedindo orações por essas duas almas candidas que de certo voaram ao seio do Senhor.

No dia 8 de maio findo, depois de muitos e prolongados soffrimentos deixou este lugar de pesares e lagrimas a alma da Exc.^{ma} Snr.^a D. Mathilde Amelia de Pinna Taveira de Aragão e Costa, filha estremeçada do nosso antigo assignante o Exc.^{mo} Snr. Francisco de Pinna Carvalho Freire d'Aragão e Costa, de Minhocal.

Acompanhamos em sua dor o coração do nobilissimo fidalgo e damos a S. Exc.^a os nossos sentidissimos pesames pela perda soffrida, pedindo a Deus resignação para o pae enlutado.

†

Não existe tambem entre os vivos a Exc.^{ma} Snr.^a D. Sophia Adelaide de Almeida Póixoto, de Lousada, assignante da nossa Revista e prima e amiga da Exc.^{ma} Snr.^a D. Laura Lencastre, da casa de Alentem, a quem o *Progresso Catholico* deve immensos serviços. Na sexta-feira 15 de maio, e contando apenas 23 annos entregou a alma a Deus com os olhos fectos na imagem da Virgem Dolorosa. Era esta virtuosissima senhora muito devota do Coração de Jesus e Zeladora do Apostolado da Oração. Conhecendo o aproximar da morte preparou-se como o sabem fazer as almas verdadeiramente christãs, pedindo perdão aos paes e a toda a familia, sem esquecer os creados da casa, dando a todos bons conselhos e promettendo por todos pedir ao Senhor.

Vou ao Céu a alma da nossa boa irmã e assignante, e de lá, d'esse lugar onde as boas obras são pagas, não se esquecerá ella de pedir por todos nós, pelos paes que a pranteam e pela prima de que tão amiga era, a quem enviavamos, assim como a toda a familia, da illustre finada, as provas do nosso pesar.

De joelhos, pois, leitores do *Progresso Catholico*, e dae principio ao mais santo dos encargos, orando pelas almas das duas senhoras fallecidas.

†

Morreu o Padre Rademaker. Orae por elle até que d'elle fallemos.

RETROSPECTO DA QUINZENA

TIVEMOS a honra da visita d'um nosso assignante de Basto, que estimamos como todas as visitas, mormente por ser parente de uma rara intelligencia perdida no verdor dos annos. Fallamos do Ill.^{mo} Snr. Benedicto de Moura Coutinho, que, estando em Guimarães não se esqueceu de nós. Mil agradecimentos.

A festa com que na egreja da Misericordia foram encerrados os piissimos exercicios do Mez de Maria, foi a mais esplendida manifestação catholica, a affirmação mais sincera dos sentimentos religiosos que distinguem a mulher verdadeiramente christã. Não se vira ainda em Guimarães um conjuncto tão completo de fé, de amor pela Virgem, de esquecimento das considerações terrenas.

O templo mimosamente adornado com sedas e flores, com lumes e christaes, apresentava um aspecto deslumbrante e a tanto chegára a veneração das filhas de Maria, para com a sua Protectora, que lhe tapelaram o chão com os mais graciosos bouquets, fazendo do pavimento da egreja o vergel mais florido. Bem hajam as Filhas de Maria, que tão bem sabem fazer applicação das flores, distinguindo-se das filhas do seculo que, não podendo ou não sabendo offertal-as á Rainha das Virgens, as offertam, no tablado dos theatros, ás rainhas da comedia. Bem hajam as Filhas de Maria.

De manhã cantara-se missa solemne a orgão e vozes, sendo as cantoras, como durante todo o mez, algumas das Filhas de Maria. Por esta occasião tivera lugar uma numerosissima communhão, notando-se que todas as Filhas de Maria se approximavam da sagrada mesa, ostentando ao peito uma medalha da Virgem Immaculada, pendente de uma fita de seda azul. Esta publica manifestação das Filhas d'Aquella que lhe é consolação em todas amarguras é digna dos maiores applausos. E mais ainda pela lição de *igualdade, fraternidade e liberdade* que deram aos que tão totalmente pronunciam estas palavras, não sendo mais que amigos e propagadores da mais atroz tyrannia. Lá estava a dama elegante pertencente á mais alta aristocracia confundida com a humilde filha do trabalho: aquella com os graciosos atavios da moda, com todas as graças que proporciona a opulencia; esta com o traje singelo da mulher do povo. Mas sobre as sedas da fidalguia como sobre a chita da costureira pou-sava graciosamente a medalha da Virgem. Que lição para os que apregoam a *igualdade e fraternidade!*

De tarde tivera lugar um solemne *Te-Deum*, sermão pelo Rev.^o Padre Carlos Gouveia, que tambem fizera uma pratica de manhã durante a sagrada communhão, e fizera-se ouvir uma *Ace-Maria*, e um *Aleus á Virgem* em que as devotas cantoras mostraram mais uma vez o quanto podem e sabem. Deus as recompense com a luz da graça e as faça perseverar em tão santo caminho, para gloria Sua e edificação de todos nós.

Teriamos louvores especiaes para as Exc.^{mas} Snr.^{as} Chaves, promotoras d'estas pompas em honra da Virgem: mas não queremos offender a modestia de Ss. Exc.^{as} que tem os mais rasgados elogios nas suas obras.

Em S. Domingos e nas Capuchinhas encerra-se tambem o Mez de Maria com missa cantada e sermão, sendo oradores d'esta 1.^a o joven diacono Manoel Lopes Martins e na 2.^a o Rv.^o Prior do Mosteiro de Souto. Ambos os nossos amigos desfolharam formosas flores em honra da Rainha dos Céos e da terra.

A festividade em S. Francisco ficou para a sexta feira 5 do corrente, mas não ha de faltar ali tambem tudo quanto possa exaltar as virtudes e graças da Mãe de Deus: que devoção e amor para com a gracirosa Imagem, ha poucos annos vinda de Roma, não falta aos promotores do Mez de Maria n'esta egreja. Foi orador o nosso amigo P.^e Garcia.

A intenção geral do mez de junho é ás *classes operarias*. E de facto é com o que se deve maior cuidado, porque a maçonaria e o socialismo a ellas se dirige para conseguir seus fins.

Por não podermos transcrever do *Novo Mensageiro* toda a intenção contentam-nos com a reproducção do seguinte:

«Por ultimo, escusado nos parece acrescentar que para destruir a enorme barreira de desconfianças e de odios, levantada pela maçonaria entre a Egreja e as classes operarias, devemos recorrer á omnipotente intervenção do SS. Coração de Jesus. Assim o faremos durante este mez, animando nos com a palavra da Beata Margarida muitas vezes repetida: «Este amavel Coração reinará, apesar de Satanaz e de seus fautores.»

Oração quotidiana durante este mez:

O meu Jesus, eu vos offereço, por meio do Coração Immaculado de Maria, as orações, as obras, e os soffrimentos d'este dia, em reparação de nossas offensas e por todas as outras intenções do vosso divino Coração.

Eu vol-as offereço em particular pelos interesses religiosos das classes operarias. Aprendam ellas a conhecer-vos

e a amar-vos, alim de levarem com merito o peso de um trabalho que vós haveis divinizado, submettendo vos tambem a elle durante vossa vida mortal.»

A intenção Geral de Julho será — *O triumpho do Papado.*

Saudamos nosso collega *O Jornal de Estarreja*, pela sua entrada no 3.^o anno da publicação, desejando-lhe no novo anno todas as prosperidades.

Na Capella do Em.^{mo} Snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, realiso-se uma cerimonia que muito nos alegrou a alma, e o mesmo ha de acontecer a todos os nossos leitores. Reproduzindo-a cumprimos um dever de catholico e satisfazemos aos impulsos do nosso coração.

Eil-a ali vae tal qual a encontramos no valente companheiro nosso *A Nação*:

«Realiso-se no dia 22 em S. Vicente de Fóra, na capella do Eminentissimo Senhor Cardeal Patriarcha, pelas 9 horas da manhã o baptisado d'uma senhora ingleza que está em casa da exc.^{ma} snr.^a Condessa de Sampaio, e que sendo por sua exc.^a cathechizada, resolveu abraçar a religião Catholica Apostolica Romana, na qual foi depois instruida pelo nosso virtuoso Prelado.

Officiou Sua Eminencia acolytado pelo seu secretario o reverendo doutor Elviro dos Santos e pelo seu capellão, o reverendo Padre Antonio do Espirito Santo etc., dirigindo as ceremonias o reverendo Padre Polycarpo.

A neophita que trajava uma bonita *toilette* completamente branca e que recebeu o nome de Maria, leu com voz firme e intelligivel a sua profissão de fé, e ouvia commovida as explicações claras e fervorosas de Sua Eminencia.

Foram padrinhos os srs. Condes de Sampaio.

A cerimonia effectou-se com a maior solemnidade e devoção, que é o cunho das festas em S. Vicente, e terminou por uma tocante pratica que o Senhor Cardeal Patriarcha dirigiu á neophita.»

Chamamos a maior attenção para o seguinte:

Um nosso amigo, assignante do *Progresso Catholico* e respeitavel sacerdote de um concelho visinho do de Guimarães, teve a seguinte feliz edeia que nos communicou, e que nós abraçamos com toda a nossa alma, esperando que todos os assignantes do *Progresso Catholico* a abracem com a mesma boa vontade.

«Todos os assignantes do *Progresso* logo que lhes chegasse ao conhecimento a morte de algum assignante deviam resar um *Pater Noster*, e os ecclesiasticos um responso. E' um bem igual

para todos; e que se eu não fosse assignante, só por estes suffragios o assignava.

Se esta minha lembrança for bem recebida muito folgarei. e eu desde já o fico cumprindo.»

Ha cousa alguma mais christã, mais caritativa, mais digna de filhos da Santa Igreja de Jesus Christo? Não, de certo, e por tanto obriguemo-nos desde já, todos, ecclesiasticos e seculares a resar, por alma dos nossos irmãos e assignantes fallecidos, os primeiros um responso, e os segundos um *Padre Nosso*.

E d'est'arte o assignante do *Progresso Catholico*, se não tiver outros suffragios, estes, que lhe offertam mais de tres mil corações, não serão um bom auxilio perante o Tribunal Divino?

Para que este pensamento se realize é necessario :

Que todas as pessoas, parentes ou amigos de algum assignante do «Progresso Catholico», que falleça, communique a redacção a triste nova.

Deus recompense com todos os bens espirituaes a alma de quem teve tão santa lembrança e faça que nenhum assignante deixe de orar pelo seu irmão.

Querem os inimigos das Irmãs de Caridade saber mais uma das *patifarias* commettidas por estas santas mulheres? Leam:

Um cavalheiro, residente n'uma cidade de nosso reino, foi eleito presidente, ou o quer que seja, da direcção ou mesa de uma das mais respeitaveis corporações da mesma cidade, que havia confiado o seu hospital ao cuidado e caridade das benemeritas Hospitaleiras. Não havia o dito cavalheiro conhecimento d'essas heroínas da caridade, antes nos parece, tinha a respeito d'ellas certos preconceitos.

Homem de boa fé e com desejos de per si saber o que ignorava, tratou, apenas principiou a sua gerencia, procurar elucidar-se ácerca de tudo que dissesse respeito aos serviços das Irmãs; e, passados mezes o nosso homem estava plenamente convencido de que a administração das Hospitaleiras era excellente, que os doentes eram por ellas tratados com maternal carinho: estava contente, e era apologista d'ellas.

Uma duvida o assaltava ainda. Serão ellas boas, serão tudo bem a horas em que podem ser vistas? perguntava o director da rica corporação.

Surpreendel-as-hei de noite; verei se ellas, quando livres das nossas vistas são as enfermeiras zelosas, as sollicitas companheiras dos enfermos.

E foi uma noite, a desoras, quando ninguem o imaginava, e entrou no hospital. A' porta da primeira enfermaria,

que achou cerrada, parou admirado, ouvindo uma confusão de vozes.

Estão pilhadas, disse elle, e entrou.

Ao entrar devera cair de joelhos porque o quadro que se lhe apresentou o obrigava a isso. Vejamos o quadro:

N'um leito debatia-se nas agonias da morte um moribundo; a Superiora recitava-lhe as ultimas orações, e outras Irmãs, de joelhos junto ao leito resavam tambem.

O cavalheiro a que aludimos é hoje fervido defensor das Irmãs de Caridade, como podemos dar testemunho assim como da veracidade do facto.

No «Boletim Catholique», de Pau, França, lê-se: «que o sanctuario de N. Senhora de Lourdes foi ultimamente enriquecido com um paramento, cujo principal valor deriva-se da posição de quem d'elle fez doação: pois o foi nada menos do que uma das rainhas da Europa, que o bordou com suas proprias mãos.

A real bemfeitora, cujo nome quiz que ficasse occulto, foi levada a isto pelo desejo de obter para a sua familia e para seu povo o auxilio da Rainha dos ceus.

Em cumprimento do seu pedido o dito ornamento foi usado na celebração da missa no dia 25 de março do corrente anno festa da Annunciação da Santissima Virgem.

—Ha toda a probabilidade de supôr-se que tenha sido a Rainha de Inglaterra, a doadora.»

Realisára-se em Barcellos no dia 31 do passado uma missa e *Te-Deum*, em acção de graças pelas melhoras do Exc.^{mo} Snr. Commendador Antonio de Mendanha Arriscado.

Muito folgamos com o restabelecimento do religioso e caritativo fidalgo e d'aqui enviamos a S. Exc.^a os nossos cordeaes parabens, pedindo a Deus conserve uma extencia tão preciosa.

Porque os jornaes de má fé e peores crenças teem dado rasão ao Snr. Martins de Carvalho, do «Conimbricense», condemnando a «Nação», nosso valente companheiro de Lisboa, transcrevemos do «Novo Mensageiro do Coração de Jesus» o seguinte, para espalhar mais a luz, tão necessaria n'este seculo das luzes:

«A «Nação», em seu numero de 27 de março com nobillissimo proceder, que se torna cada vez mais raro na imprensa periodica, dá «por não feitas todas as referencias» com relação ao Snr. Bispo Conde de Coimbra, que falsamente havia sido accusado ou suspeito de ter pertencido ao carbonarismo. O «Campeão das Provincias», periodico liberal, foi quem a induziu em

erro, pois que deu por certo que varias palavras do «Conimbricense» se entendiam com o dito Snr. Bispo, quando ellas, segundo agora declara o dito «Conimbricense», se entendiam com outro individuo já fallecido. O jornal do Sr. *Lamartine* cala esta circumstancia; não falla no «Campeão...»; e elle, jornal maçonico confesso e não arrependido, que em varios casos que tenho na memoria se ha negado a retificar erros crassos e calumnias torpes, apesar de ter diante de si a verdade reconhecida por tal o Sr. Bispo de Angola e Congo podia dizer algo a esse respeito, assim como o editor do «Liberalismo Desmascarado», atreve-se a tachar de «infame» o proceder de quem o não sabe nem quer imitar! Vergonha! Faz lembrar o *Quis tulert Gracchos de seditione querentes*.

«Depois d'este nobre procedimento da «Nação» ainda o «Conimbricense» lhe chama «perfidia, falsaria, santanaria», etc.!

E porque? Pois sabe? Ella, é verdade que appellou para o testemunho do «Conimbricense», e apparecido esse testemunho, logo retirou em boa ordem e nada occultou aos seus leitores —o que precisamente não costumam praticar os perfidos. Mas antes d'isso poz «fora do parenthesis» duas letras, B. P., que «deviam estar dentro». E' verdade que tambem as poz dentro, n'outra parte; e bem perto, —do que dá testemunho o proprio «Conimbricense», transcrevendo, sem se lembrar que assim destruia a sua inqualificavel accusação, pois que isso mostrava ter havido engano, mas não má fé.

«E depois a tal «perfidia» inverteu os tres pontinhos! «A fórma como os apresenta é a maçonica, enquanto que aquillo de que tratava o «Conimbricense» era a carbonaria, em que os pontos são invertidos.» Grande malicia, horrivel crime ignorar similhante *geringonça!* Tambem eu estava n'ella incurso; mas agora fico sabendo e mais o Amigo este segredo transcendente..., assim como que o «B. P.» quer dizer *Benigno Primo*. D'aqui em diante, não esquecendo a lição, ninguem nos poderá accusar de «torpe fim» nem sequer exclamar: «E' até onde pôde chegar a infamia!»

«De resto, não será commetter um hediondo acto de hypocrisia, vir um mação a terreiro, com ares de defender os successores dos Apostolos tachando até de «calumnia» contra elles o que segundo o criterio dos filhos da *viuva* seria apenas conceder-lhes gratuitamente «uma honra immerceda»? O Sr. *Lamartine* bem percebe, e para V. meia palavra basta.»